



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

# 4 MASSAS

ORGÃO DA TENDÊNCIA PELO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO  
ANO II No 12 JANEIRO DE 1.991 PREÇO CR\$ 60

CONTRA O IMPERIALISMO  
TODO APOIO AO IRAQUE

ABAIXO O PLANO II DE COLLOR

ORGANIZAR A GREVE GERAL POR TEMPO INDETERMINADO

Mais uma vez o governo dos capitalistas, o Sr Collor, decreta um choque econômico que atinge diretamente as condições elementares das massas assalariadas.

Mais uma vez se faz demagogia com o congelamento dos preços, quando o que se pretende é congelar apenas os salários.

Mais uma vez o governo confisca parte dos ganhos das massas, utilizando do reajuste baseado na média inflacionária dos últimos 12 meses.

Mais uma vez, se impõe totalitariamente a chamada política da livre negociação, agora de 6 em 6 meses.

Mais uma vez, o governo ataca a economia nacional, aprofundando a recessão e com ela o desemprego maciço.

Mais uma vez se pretende resolver a crise estrutural do capitalismo às custas da pobreza e com a arma da opressão social.

Mais uma vez a política econômica protege o grande capital e o imperialismo esmagando os assalariados.

A resposta proletária só pode ser uma: rechaçar o choque capitalista, organizar imediatamente a greve geral e se contrapor com suas reivindicações: Reposição de todas as perdas, salário mínimo real com escala móvel, emprego a todos aplicando a escala móvel do emprego, fim de todas demissões, estabilidade e seguro desemprego igual ao salário mínimo real, terra aos camponeses e aos sem-terra, expulsão do imperialismo e defesa das estatais, sob controle operário da produção.

EM DEFESA DAS OCUPAÇÕES  
LIBERTEM BONI E ROMILDO



## SECURITÁRIOS; CAMPANHA SALARIAL ENCERRA COM ARROCHO DE 51,58%

A campanha salarial dos securitários encerrou com a aprovação do índice de 844,24 %, sobre os salários de janeiro/90, para o setor majoritário da categoria, compreendido por seguradoras e corretoras de seguros. Esse índice, comparado ao do DIEESE (1.850 %), representou uma perda de 51,58 % nos salários.

Esse violento arrocho salarial imposto pelo patronato não foi produto da passividade da classe, nem tampouco representou um refluxo de suas lutas. Representou sim, um abafamento temporário das lutas, conseguido principalmente pela linha do "sindicalismo de resultados", implementada pela diretoria do sindicato. Vários setores da categoria vinham reagindo aos pacotes e à opressão patronal desde o 2º semestre de 90, realizando greves, manifestações, etc. Com o início da campanha salarial a classe poderia ter sido unificada e preparada para realizar uma greve geral, única forma de romper o isolamento das lutas e centralizar todo o descontentamento e impor uma derrota importante ao patronato.

No entanto, novamente a diretoria do sindicato, aprofundando sua política demagógica e divisionista (sindicalismo de resultados), impediu essa unificação e garantiu, dessa maneira, a continuidade da ex-

poliação salarial e os superlucros dos patrões.

A diretoria do sindicato, tendo como porta-voz Juarez (jornalista e assessor político), teve de utilizar várias manobras para impedir a participação do conjunto da categoria e transformar a campanha num palco de negociação interminável com a patronal. Vejamos:

1o. Trabalhou para que o grosso da categoria, pessoal das seguradoras, não fosse o carro-chefe da campanha, fechando rapidamente o acordo deles para que os demais setores ficassem enfraquecidos, não só pela dispersão, como também pelo isolamento imposto.

2o. Durante dois meses a diretoria chamou apenas 4 assembleias gerais: duas para aprovar a pauta de reivindicações e mais duas para fechar o acordo. Nenhuma assembleia mais foi convocada.

3o. Impediu a formação do comando geral de organização da campanha e dos comandos internos nas empresas. Negou-se a fazer qualquer tipo de agitação e propaganda nas portas das empresas, principalmente das que tinham elementos do comando, para evitar uma maior organização. Essa era a única maneira de manter a campanha nas mãos da diretoria, sob negociações infundáveis, tentando obter algum resultado e sem a participação da classe.

4o. Apoiou-se nos setores mais atrasados da categoria, que vieram às assembleias pressionados pelas

chefias para votarem pela aceitação do acordo.

5o. Finalmente, impediu a oposição (que dirigia o grosso da categoria mobilizada) de se manifestar nas assembleias, fechando o acordo geral com tranquilidade e fragmentando o restante mediante assembleias por setor.

## T. POR DIRIGE A OPOSIÇÃO

Em 1990 a oposição conseguiu aglutinar em torno às suas propostas um grupo importante de ativistas que se colocam pela necessidade de estruturar uma direção classista e combativa para a classe.

O fortalecimento deste trabalho se refletiu na pressão que foi feita sobre o sindicato para prorrogar por mais duas semanas a campanha salarial e obrigá-lo a convocar uma assembleia para o dia 27/02 que terá como objetivo preparar a campanha pela reposição das perdas. A direção desta campanha será do comando geral e não da diretoria.

A campanha pela reposição só será uma campanha de combate se os comandos internos por empresas forem solidamente estruturados e se o comando geral adotar uma linha de enfrentamento conseqüente aos ataques patronais. O fortalecimento do pólo revolucionário que a T. POR representa é o fator insubstituível para a construção desta alternativa.

## A PAZ CAPITALITA NO BRASIL MATA TANTO QUANTO A GUERRA NO IRAQUE

Os democratas do PT, que também dirigem a Cut, atacam agora de pacifistas. Diante da brutal agressão imperialista a uma nação oprimida eles propõem a PAZ. Esta paz, além de condicionarse à capitulação do Iraque (ou seja, uma completa derrota da nação oprimida), significa a continuidade da ordem capitalista de exploração.

Esta postura expõe o caráter pró-capitalista dos dirigentes do PT e a CUT. De outra maneira não é possível defender um sistema social que liquida as massas trabalhadoras aos milhões diariamente no mundo inteiro.

Aqui no Brasil morrem anualmente 350 mil crianças menores de 5 anos, vítimas da fome e da desnutrição, segundo dados da UNICEF, e existem 30 milhões de crianças carentes: 15 milhões delas vivendo nas ruas. Se não bastasse esta mortandade, ainda as polícias e os bandos de matadores a elas ligados, promovem um verdadeiro extermínio de menores, como foi recentemente denunciado por um jornal inglês e é por todos nós conhecido no dia-a-dia.

É a violência da paz capitalista a responsável pelas mortes dos moradores das favelas que desabam a qualquer chuva mais forte como as que ocorreram recentemente em Petropolis, Teresópolis, Nova Friburgo e Cachoeira de Macacu no Rio. Desta vez, já morreram 26 pessoas e mais de 1.000 estão desabrigadas. Em 88 morreram 170 pessoas. Estes trabalhadores, que não estão só no Rio mas em todas as favelas e morros de São Paulo, Belo Horizonte, Recife, etc, são obrigados a ocupar as encostas dos morros porque são despejados, escurraçados das suas moradias pela impossibilidade de pagar os altos aluguéis.

A paz que os pacifistas e democratas do PT defendem é a mesma que mata diariamente, lentamente a classe trabalhadora no Brasil onde 60 % sobrevive com até 3 salários mínimos. Não! Essa paz não queremos. Declaramos guerra à burguesia e ao imperialismo assassino das crianças e das massas trabalhadoras.

Escreva para Caixa Postal nº 01171  
Cep 01057 - São Paulo - SP

## ORGANIZAR A GREVE GERAL CONTRA O NOVO CHOQUE

Mais uma vez o governo Collor descarrega a crise estrutural do capitalismo sobre as massas oprimidas. Na realidade, a essência do novo choque se concentra em quatro medidas: O tarifaço, que eleva os preços a até 60% (gás de cozinha), o congelamento dos salários, o reajuste salarial em fevereiro pela média dos últimos 12 meses, prevenindo a "livre negociação" a cada 6 meses, e o aprofundamento do chamado aperto monetário. O resultado dessas medidas será o de ampliação do processo recessivo, demissão em massa, como já vem ocorrendo, e aumento brutal da miséria.

Como não poderia deixar de ser, o Plano II é uma proteção aos capitalistas, que aumentaram livremente os preços, principalmente na última semana, enquanto o governo reforçou o controle salarial, incrementando a taxa de exploração. O reajuste pela média dos últimos 12 meses, ao estilo do Plano Cruzado de Sarney, se constitui num descarado confisco salarial, que se reverte em mais lucratividade para os exploradores.

Em continuidade, o mecanismo da "livre negociação" semestral impõe às massas maiores perdas, considerando que o tarifaço recairá sobre os consumidores empobrecidos.

A superexploração do trabalho, combinada com o amplo desemprego, decreta mais fome, mais famílias sem-teto, mais mortalidade infantil, mais marginalidade, mais doença e mais analfabetismo.

Para as massas não há outro caminho senão recorrer à luta direta, isto é, ao movimento grevista e às manifestações coletivas. Não há outra forma de responder a mais esse violento ataque capitalista senão ganhar as ruas em todo país, organizando uma poderosa greve geral por tempo indeterminado.

### DEFENDER AS BANDEIRAS OPERÁRIAS CONTRA O NOVO CHOQUE

A sequência de choques econômicos já não surpreende a ninguém. O governo, frente à marcha da crise, não tem outra saída senão colocar todo poder do Estado contra a vida das massas. Toda política econômica se volta para destruir forças produtivas, isto é, empregos, elevar a exploração do trabalho e proteger os interesses do imperialismo.

Desde o governo Sarney, não se traçou nenhuma linha de crescimento econômico e elevação das condições de vida dos assalariados. Tudo se passou ao contrário. O governo e a burocracia acataram os planos recessivos e esfomeadores ditados pelos credores externos e seus organismos, como o FMI, Banco Mundial, etc. Inevitavelmente, se colocaram pela política antinacional e antipopular, ainda que esmagasse a fundo os assalariados e destruísse parte da economia nacional.

Não é por acaso que a ministra Zélia Cardoso afirma que o choque não muda a orientação

original do Plano Collor, apenas o aprofunda. De fato, aprofunda a ofensiva contra os salários e os empregos, objetivando avançar a meta de desestatização e aumento da lucratividade do grande capital.

Ao proletariado cabe levantar suas bandeiras próprias. Contra o confisco salarial, há que se defender a reposição integral de todas as perdas. Contra os miseráveis salários, há que se levantar o salário mínimo real de 70 mil (dezembro). Contra a inflação, denunciar a farsa do congelamento de preços, e defender a escala móvel dos salários. Contra o desemprego em massa, pelo seguro desemprego igual a um salário mínimo real, estabilidade e escala móvel de emprego, em que se divida as horas de trabalho entre todos os trabalhadores, reduzindo a jornada, sem reduzir os salários. Contra a entrega das estatais ao imperialismo, ocupá-las e impor o controle operário da produção. Sobre essa base inicial, pôr em pé um movimento nacional de massa, que se dirija contra o governo, o Estado e a burguesia.

### ARRANCAR A CUT E OS SINDICATOS DA PARALISIA

O Plano Collor II pegou a CUT completamente desarmada para a luta. Durante os últimos cinco meses, sua direção (Articulação) não tem feito outra coisa senão praticar uma política de cúpula, jogando um papel de freio à resistência das massas contra a crise capitalista.

A aceitação da CUT em participar do fracassado pacto social reforçou a linha de colaboração de classe, que em última instância se reverteu na sustentação do falido Plano Collor.

A política de cúpula da burocracia significa a renúncia de apolar a CUT na ação direta dos trabalhadores e, por outro lado, colocá-la sob as pressões do parlamento burguês (Congresso Nacional). Não foi outra a conduta da sua direção em relação à política salarial do governo e aos projetos do Congresso Nacional.

Jair Meneguelli não se cansou de afirmar que não se tratava de organizar as massas para a luta e sim reforçar o processo de negociação no interior do Parlamento. Esta posição é a responsável pela facilidade com que o governo Collor lança o novo choque, não encontrando um imediato obstáculo nas massas.

O que constatamos é que a política de "negociação" da CUT (conciliação entre capital e trabalho) se constitui num poderoso fator de desorganização do movimento operário.

Cabe às bases se levantar contra a direção capituladora da burocracia e exigir que a CUT chame as reuniões regionais para responder ao Plano II, preparando a greve geral e os comitês de luta.



## CRISE GOVERNAMENTAL E REFORMA CONSTITUCIONAL

Os atritos entre ministros e funcionários do Estado já debetaram de ser episódios circunstanciais para se tornar uma luta aberta pela condução do governo. O choque entre Zelia e Passarinho sobre as críticas deste à inflexibilidade da ministra, na questão salarial, base para negociar qualquer acordo político que dê sustentação ao governo expressa um intenso debate dentro do governo sobre o destino do Plano Collor. Dentro da própria equipe econômica, este debate se dá entre aqueles que defendem a necessidade de retomar o controle dos preços, ou, tabelamento (Kandir), e os que defendem a continuidade da rota traçada, segundo a qual o próprio mercado deve se acertar (Mala, Ibrahim).

As manobras em torno aos vetos da lei agrícola foram o cenário para outra guerra, desta vez, entre o ministério da fazenda e a agricultura. O Ministério da agricultura é de longa data o representante dos interesses dos grandes produtores e latifundiários, e o governo mediante os vetos à lei aprovada pelo Congresso, reduziu consideravelmente o seu poder de dirigir a política agropecuária, concentrando-o nas mãos da fazenda. Com anterioridade, já o governo tinha sido derrotado na votação do ITR (imposto territorial urbano) mediante o qual pretendia uma arrecadação adicional, e nesta ocasião, o ministro Cabrera da agricultura apolou o lobby dos produtores contra a medida proposta pelo governo.

Os ministros militares com apoio do Passarinho também defenderam a rejeição da MP que estabelecia a privatização do Lloyd. O Congresso Nacional nestes episódios passou a ser o palco da disputa interburguesa e de limitação do poder presidencial no que se constitui uma verdadeira crise governamental.

Por trás desta crise se levanta o aprofundamento da desagregação econômica. A inflação acelerada ameaça ultrapassar os 20 % em janeiro. Combinada com a recessão e o desemprego consequente, desenha um negro cenário para o ano que se inicia ameaçando, em última instância, com a desorganização completa da produção. A explosão da base monetária (excesso de moeda em circulação) em dezembro, a redução do superávit comercial (31,59 % a menos que o saldo do ano passado) e as previsões de persistência do déficit público em 91, indicam que a crise governamental que estamos assistindo não responde simplesmente a um problema conjuntural, mas à profunda crise do regime, que está na origem do processo de democratização, da "Nova República" e do próprio governo Collor.

É natural, por tanto, a recolocação das forças desagregadoras presentes durante o governo Sarney e que ficaram momentaneamente sufocadas na primeira fase do atual. Significativamente, já se ouvem os anúncios de substituição da condução econômica, ventiladas pelos banqueiros credores do país.

Pressionado por este quadro, a reação do governo tenta recuperar a iniciativa sobre o conjunto das forças burguesas, de um lado, atuando, cada vez mais como uma ditadura civil (governando mediante Medidas Provisórias que na verdade anulam os outros dois poderes, já que mediante elas o governo não só executa como legisla e julga), e, de outro, tentando negociar um pacto com a burguesia, através dos novos governadores, que lhe permita levar até o fim o seu plano de entrega do país ao imperialismo.

Mediante o pacto, pretende recuperar o comando político sobre o conjunto burguês para impor a orientação imperialista, sob pena de naufragar na impotência como foi o governo anterior.

Por detrás do pacto com os governadores eleitos (incluindo o "progressista" Brizola) o governo negocia o futuro do seu plano pró-imperialista e os governadores o ônus que cada setor da burguesia terá que assumir para executar esse projeto.

A ofensiva do governo tem como uma de suas peças principais a reforma da constituição, instrumento que a oposição burguesa tem utilizado para limitar a ação entreguista do governo e para barganhar posições no aparelho do Estado. Os alvos já explicitados são, principalmente a questão da proteção ao capital nacional e às empresas estatais, a reforma fiscal e a estabilidade dos funcionários públicos.

O monopólio nacional do petróleo, da mineração e a definição do que sejam empresas nacionais, estão entre os temas que o governo pretende alterar a fim de acelerar o processo de desnacionalização e entrega da economia ao grande capital imperialista.

Quanto à reforma fiscal, a alteração na distribuição da receita tributária em favor dos municípios e Estados introduzida pela constituição de 88, não teve, segundo o governo, a sua contrapartida na distribuição proporcional das despesas públicas, daí a necessidade de repassar aos municípios e Estados também o ônus pelos gastos sociais e de infraestrutura. Esta "desproporção" seria em grande medida responsável pela continuidade do déficit público. A redução de tal déficit é uma das metas principais do plano de "ajuste" econômico imposto pelo imperialismo. Está claro que com isso o governo se propõe terminar de asfixiar os Estados e municípios já falidos, que hoje mal conseguem sustentar as suas folhas de pagamento, apesar de todos os cortes e tarifas (que recaem sobre as condições de vida das massas), e aumentar o seu poder de disciplinamento, a favor da burguesia pró-imperialista e em detrimento das oligarquias regionais.

O outro alvo importante é acabar com a estabilidade do funcionalismo público, que seria, segundo o governo, o grande empecilho para "modernizar" o Estado brasileiro, quer dizer, para demitir em massa e reduzir a folha de pagamento da União e dos Estados. A estabilidade dos funcionários públicos impediu, até agora, que o governo completasse sua meta de demitir os 390 mil trabalhadores que tinha se proposto, tendo demitido já cerca de 120 mil. É claro que os efeitos sobre a economia de um corte no funcionalismo dessa magnitude seriam monstruosos, sem falar que seria a ante-sala para atacar também o funcionalismo estadual e municipal em todo o país (de conjunto somam 6 milhões de trabalhadores ou 10 % da população economicamente ativa), além das estatais que já estão sendo encurraladas, vide o caso do Banco do Brasil que vai demitir 6 mil funcionários. Não há que esquecer o importantíssimo crescimento da atividade política e sindical do funcionalismo público em todo o país desde o governo Sarney, tendo inclusive adotado métodos de luta próprios da classe operária inúmeras vezes.

Como se vê, em torno à reforma constitucional, se concentram importantes problemas da estratégia imperialista contra as massas para salvar o capitalismo moribundo.

### IMPOTÊNCIA DO PT PERANTE A CRISE

A conduta do PT diante da monumental crise do regime desnuda a impotência do reformismo para resistir aos ataques do grande capital e à destruição da força de trabalho. Enquanto o desemprego aumenta em todo o país e as massas são duramente castigadas, o PT assiste ao fracasso do seu "governo paralelo" (oposição parlamentar) que naufragou melancolicamente sem produzir absolutamente nenhuma reação significativa ao governo Collor.

Pelo contrário, no meio do agravamento da luta de classes, o PT se dilacera internamente para resolver o seu conflito com os prefeitos (do PT), que espremidos pela necessidade "concreta" de gerenciar a crise da máquina bur-

guesa de opressão de classes, não tem condições de facilitar a demagogia reformista que o partido precisa para se projetar na disputa presidencial de 94. A prefeita Erundina declarou recentemente que os atritos entre o partido e os prefeitos decorre do natural choque entre "proposta de transformação da sociedade e convivência necessária com a institucionalidade" (G. Mercantil 19.01.91).

A crise dos prefeitos mostra também com total clareza, o caráter puramente eleitoral que o partido assumiu, tornando-se um espaço privilegiado para todo tipo de carreiristas. Para segurar o Maurício Soares no partido, teve que intervir o próprio Lula e certamente a sua permanência será conseguida mediante a concessão das suas exigências, quer dizer, ele fica no PT mas, o partido não mete o bedelho na Prefeitura. O ex-dirigente sindical e atual Prefeito de Campinas Jacó Bittar também deve impor semelhante condição para permanecer no partido. Outra amostra da demagogia eleitoral foi dada pela prefeitura de São Paulo com a história da tarifa zero. Uma vez que não passou o projeto do PT, o governo municipal reagiu aplicando um violento tarifaço, elevando as passagens em 30 % de uma só vez. Nunca antes os donos das linhas de ônibus lucraram tanto!

Finalmente a política reformista do PT, através da CUT, deu mais um passo na sua estratégia de colaboração de classes ao se unir à CGT na proposta de um "Fórum contra a recessão", cuja finalidade seria a de, junto com organizações burguesas (OAB, CNBB, partidos políticos e empresários), encontrar propostas comuns (comuns aos explorados e aos exploradores!) para combater a recessão e o desemprego. É claro que se trata de uma

manobra distraçionista para desviar a revolta das massas do caminho da mobilização e a luta. Ou acaso alguém acredita que os capitalistas que estão cada um tentando se salvar como puder vão se sentar seriamente para discutir como acabar com o desemprego e a super-exploração do trabalho?

A classe capitalista está atacando as massas a fundo. Os cortes e demissões ameaçam ultrapassar aos da recessão de 81. O acirramento da guerra comercial Interimperialista (fracasso da rodada Uruguai do GATT) certamente acrescentará dificuldades para a economia nacional, o que equivale a desenhar um horizonte tenebroso para os trabalhadores de todo o país. Entretanto, a resposta das direções da CUT e do PT é a paralisia, é a desmobilização e o reboquismo às manobras da burguesia.

Há que rechaçar energicamente esta manobra distraçionista e denunciar a política do Fórum como antioperária e derrotista. Há que denunciar que se trata da mesma política de colaboração de classes implementada nas negociações para o pacto social fracassado do ano passado.

Ao contrário é preciso chamar as massas à ação em defesa de sua integridade. Para isso é necessário que a CUT encabeçe uma campanha nacional contra as demissões, o arrocho e pela defesa do emprego. Deve ser estruturado um plano de mobilizações em todos os Estados contra a política salarial do governo. Formar os comitês de empregados e desempregados para resistir às demissões e organizar as ocupações de fábricas e empresas contra as demissões em massa. Com este plano convocar um congresso de bases da CUT que prepare a greve geral por tempo indeterminado.

#### TÊXTEIS:

#### PARA VARRER COM O PELEGO CONSTRUIR UMA OPOSIÇÃO CLASSISTA

Desde o final do ano passado diversas fábricas têxteis iniciaram um processo de demissão massiva que ainda não terminaram.

Isto se deve em grande parte às medidas recessivas adotadas pelo Plano Collor, aliado aos métodos obsoletos de produção do setor.

O aguçamento da crise estrutural do capitalismo fez com que a destruição dos meios de produção fossem mais sentidas nos setores de pouco desenvolvimento tecnológico dos países semicoloniais (como o Brasil).

Nos períodos em que a crise não aparecia de forma tão aguda as indústrias têxteis se gabavam que apesar de terem máquinas e tecnologias antiquadas, se comparadas com a dos países desenvolvidos, tinham fabulosas taxas de lucro, devido à sazonalidade da produção (mudanças na produção de acordo com as estações do ano) e da maquiagem de produtos inclusive nas épocas de "congelamento" de preços.

Agora a situação se modifica e a crise leva a um efeito dominó de concordatas (tentando se safar com a ajuda dos juros baixos) e das falências, principalmente no sub-setor de confecções onde predominam as micro-empresas.

A tendência é o agravamento da situação e apesar de tudo isto as direções sindicais apenas observam a crise passar.

Um exemplo claro é o do Sindicato dos Têxteis de São Paulo onde a direção sindical não solta nem um

boletim na base, e quando as fábricas tentam se mobilizar isolam o movimento como aconteceu recentemente na Calfat, que devido as várias demissões e atraso de pagamento, levou a direção do Sindicato até falar em ocupar a fábrica, mas no fim aceitou as migalhas dos patrões.

Na classe dos têxteis, o maior aliado da patronal é a diretoria do Sindicato. Quer dizer que está colocada a tarefa de varrer com este entulho e construir uma nova direção, oposta à linha de colaboração de classes. É com esta perspectiva que a Oposição (Chapa 2) vem trabalhando a reestruturação de um trabalho classista (baseado na estratégia da revolução e ditadura proletária) e que toma como ponto de partida da ação sindical a defesa das condições de existência das massas; salário mínimo real (70 mil em dezembro) com escala móvel; sábados e domingos livres, contra as demissões e pela estabilidade no emprego.

#### ANTÁRTICA: BUROCRACIA DO SINDICATO ENTREGA CONQUISTAS OPE- RÁRIAS

A greve de outubro na Antártica acabou quando o movimento chegava a seu mais alto grau de radicalização. A direção do sindicato, com receio de perder o controle do movimento e ter diante de si uma outra "Ford", preferiu defender o fechamento do acordo e o fim da greve. Agora também vai se cedendo aos patrões e permitindo a perda de conquistas do movimento.

Um exemplo disso é a questão do pagamento das horas extras nos

feriados e que deveriam ter um acréscimo de 200%. Depois de muito buchicho de que elas não seriam pagas, os operários pressionaram os diretores da fábrica a resolverem o problema.

Houve então uma reunião com a empresa e alguns operários também participaram do encontro. Lá, a Antártica tentou convencer a todos que não poderia pagar os 200% de horas extras porque sempre precisaria de pessoas para limpar as máquinas e assim gastaria uma fortuna com isso. Propuseram uma votação ali, entre os diretores da Antártica, os diretores do Sindicato e os operários presentes. E a direção do Sindicato aceitou! Como não era de se estranhar, a Antártica venceu a "votação" espúria, apesar dos esperneios gerais do Sindicato, e encerrou a reunião.

Conclusão: os 3 operários que participaram da reunião acabaram sendo demitidos e a conquista foi "pro brejo". E esses três companheiros faziam parte da lista de 42 que já haviam sido demitidos na greve e readmitidos no final do movimento. Antes dessa reunião outros 10 já haviam sido demitidos de novo.

A política do sindicato levou ao sacrifício das reivindicações operárias e jogou a favor dos patrões. Os trabalhadores da Antártica devem aprender com este exemplo; só é possível resistir à ofensiva dos patrões se não abaixarmos a cabeça e se organizamos a luta em cada seção e na fábrica toda. Os trabalhadores da Antártica já foram várias vezes à greve, precisam agora aprender a não se deixar enganar pelas manobras da burocracia e estruturar uma direção de combate.



# MORRO DO SAMBA, RESISTIR ATÉ O FIM !

O Morro do Samba encontra-se hoje sob ameaça diária de despejo. Os dias vão passando e as imagens do massacre da Vila Socialista deram lugar às notícias da guerra contra o Iraque nos jornais. O que os trabalhadores devem fazer?

Segundo os pacifistas, diante da brutal repressão policial, os sem-teto devem abaixar a cabeça e no máximo correr. Para os defensores da "democracia como valor universal", trata-se apenas de trabalhar no campo da resistência baseada em fatos políticos (pacíficos).

O próprio movimento dos sem-teto já fez sua experiência com a passividade da retirada sem luta das ocupações de terra. A que leva o pacifismo? A derrota, à desmoralização e à desmobilização e à dispersão do movimento. Os anos de luta ensinaram aos sem-teto que já não basta mais ocupar, é preciso resistir. É preciso exercitar a auto-defesa.

Auto-defesa significa que os trabalhadores devem organizar seus grupos de resistência para enfrentar os agressores paus mandados da burguesia. As crescentes ocupações de terra são um ato de força dos trabalhadores contra os capitalistas que os esmagam com a miséria a cada dia maior. A burguesia, através de seu Estado, seu aparato militar repressivo, reage energeticamente expondo a verdadeira face de sua ditadura de classe. Al do proletariado se se deixar apanhar de surpresa!

O próprio movimento em Diadema rejeitou a idéia reformista de que a "democracia" dá mais garantias, e os operários devem submeter-se desarmados à burguesia armada até os dentes. Não! A massa de trabalhadores sem-teto de Diadema se coloca sob uma direção que aponta a linha correta: resistir à repressão burguesa até o fim!

A auto-defesa defendida pelos sem-teto, onde se coloca a necessidade da criação de destacamentos armados que tenham o apoio das massas por trás de si, deve ser levada para o conjunto do movimento e principalmente ao movimento operário, que já viu em e Volta Redonda o que está por vir, e precisa defender-se.

A T.POR apóia totalmente a posição revolucionária dos sem-teto de Diadema, se engaja nessa luta e chama as outras organizações dos trabalhadores a fazerem o mesmo.

**VIVA A LUTA DOS SEM-TETO!**

**VIVA A AUTO-DEFESA OPERÁRIA!**

**VIVA A CLASSE OPERÁRIA E SEUS MÉTODOS DE LUTA!**

**QUE MORRA A BURGUESIA E SEU CAPITALISMO PUTREFATO!**

**QUE OS SINDICATOS E A CUT ASSUMAM A**

**LUTA PELA LIBERTAÇÃO DE BONI E ROMILDO**

Os vereadores Manoel Boni e Romildo Raposo continuam presos. O julgamento dos seus Habeas Corpus continua sendo adiado, desta vez por mais duas semanas. Eles estão presos porque ousaram apoiar operários que atacaram a propriedade privada de um especulador e a ordem burguesa para poder sobreviver. Com isso, a Justiça burguesa procura golpear o movimento e particularmente sua direção. A prisão dos parlamentares que ousaram se colocar ao lado dos trabalhadores sem-teto é, portanto, totalmente política.

Mas a política das lideranças não conseguiu fazer com que os sem-teto refluíssem. Ao contrário, o movimento tem crescido em organização e conscientização. As passeatas feitas após os dois primeiros gran-

des atos até a delegacia onde Boni e Romildo estão encarcerados

mostra que os sem-teto aprenderam que somente através da ação direta, das manifestações massivas de rua, de levar a questão às fábricas, às ruas, de parar Diadema se for possível, é que se abrirá caminho para a libertação dos presos.

Para isso é necessário que o movimento operário, principalmente a CUT, abrace essa luta. Até o momento, os sindicatos não têm dado a devida importância para a luta contra as prisões políticas. É preciso divulgar ampla e constantemente nos boletins, estar presente aos atos e passeatas, reforçar a pressão política para combater a arbitrariedade burguesa. A passividade mostrada até aqui compromete gravemente as direções sindicais. É preciso defender sistematicamente e intransigentemente junto aos trabalhadores a luta pela libertação dos presos políticos de Diadema. Qualquer vacilação nesse sentido equivale a acatar as prisões políticas e abrir o caminho para que isso se repita no futuro.

## ATOS PÚBLICOS EM DIADEMA

### VITÓRIA DA LINHA DE AÇÃO DIRETA

Os três grandes atos realizados em Diadema, em apoio aos ocupantes de Vila Socialista e Morro do Samba e pela libertação dos presos políticos Boni e Romildo, mostram que o movimento dos sem-teto não foi derrotado pela bárbara repressão policial de 11 de dezembro. Ao contrário, a heróica resistência dos moradores e a campanha levada adiante a partir daí obtiveram importantes vitórias.

A primeira delas foi a de conseguir manter vivo, organizado e coeso o movimento. Ao contrário do que ocorreu em outras desocupações, onde o pacifismo levou à desmoralização, humilhação e dispersão, a combatividade de Vila Socialista permitiu que o movimento não se dispersasse. Ao contrário, sua coesão serviu de ponto de apoio para que a campanha de apoio que se desenvolveu a partir de então tivesse condições de trabalhar pela ampliação do movimento. As correntes políticas foram obrigadas a se solidarizarem com o mesmo, e é sob a linha de ação direta que vem se dando a luta do comitê de apoio.

Uma outra conquista importante foi a de levantar e unificar os movimentos de sem-teto de Diadema, principalmente o do Morro do Samba e do Gazuzá. A partir da campanha iniciada pelos companheiros de Vila Socialista, fortaleceram-se e se somaram ao movimento as outras ocupações. A participação massiva dos sem-teto nos atos (o de 16/01 foi quase que exclusivamente de sem-teto) mostra que o movimento avançou na consciência política e abraçou a necessidade da unificação.

Essa unificação e fortalecimento também contribuíram, ao lado do fato político do massacre de 11/12, para que outras desocupações fossem suspensas. A do Morro do Samba já teve pelo menos dois adiamentos.

Tudo isso mostra o acerto da defesa da resistência até o fim pelos sem-teto. A experiência de anos a fio com ocupações que vem sendo cada vez mais barbaramente atacadas pelos governos burgueses (e mesmo do PT) tem ensinado aos sem-teto que já não basta mais ocupar, é preciso saber resistir. A lição de Vila Socialista deve servir para todos os movimentos pela terra, e também ao movimento operário: é preciso resistir à ofensiva do capitalismo.

**LEIA E DIVULGUE O JORNAL MASSAS**

## CARTA DE MANOEL BONI AO MORRO DO SAMBA

A seguir reproduzimos alguns trechos da carta que, desde a sua prisão, Manoel Boni fez chegar aos ocupantes do Morro do Samba.

### AOS COMPANHEIROS E COMPANHEIRAS DO MORRO DO SAMBA

Me parece que estamos próximos de uma ofensiva dos patrões e seu governo.

Nesta ofensiva devemos estar muito bem preparados em todos os níveis.

Não temos muitas alternativas, ou enfrentamos e nos preparamos para a luta, ou nos preparamos para sair pacificamente. Se fosse para sairmos pacificamente não teríamos ocupado a terra e gasto o que tínhamos e o que não tínhamos. O dinheiro gasto nas construções foi fruto da fome dos filhos.

As alternativas são cruéis, se formos tentar pagar aluguel, pois iremos enfrentar isolados a opressão patronal e também os despejos, pois com o miserável salário que os patrões estão nos pagando não dá nem para pagar as passagens e o leite das crianças.

A saída para os oprimidos é a luta direta. Há os oportunistas e eleitores que dizem que o parlamento é uma saída para os oprimidos e ainda tem a coragem de falarem em nome dos trabalhadores e seus mártires tombados na luta.

Não permitam que a burguesia e os oportunistas nos dividam, pois assim seremos derrotados.

As divergências no nosso meio (o que é normal) temos que resolvê-las com a discussão coletiva, e a assembléia geral tira a decisão máxima. Não permitamos a politicagem de compadres e fuxicos.

Ora companheiros, se o parlamento fosse o caminho, eu e o companheiro Romildo não estaríamos aqui onde estamos e não teríamos permitido o massacre da Vila Socialista. O parlamento deve ser usado pelos operários (os revolucionários) somente para organizar a luta direta e como uma trincheira de denúncia do próprio parlamento, do Estado burguês, suas leis e a opressão de sua classe, colocando para os oprimidos a necessidade de sua organização própria, independente da burguesia e seu Estado, nos seus sindicatos e organizações populares, com um programa capaz de levar os oprimidos em geral à luta direta de forma unificada. Esta intervenção só poderá ser consequente se estiver sob a direção do partido da classe (Partido Operário Revolucionário).

Companheiros e companheiras, sempre após um combate e mesmo um massacre como foi o da Vila Socialista aparecem os democratas, os cristãos, os verdes, os amarelos, etc. para chorarem e rezarem pelos mortos e

feridos. Não permitamos esta farsa! Se estes reformistas tiverem de fazer algo terá que ser antes. Agora! Já!

Me parece que é a hora de nos prepararmos, de forma prioritária, a contar com nossas próprias forças, ou seja, a unificar os oprimidos para a luta direta. Mas também devemos exigir que os democratas, os cristãos, os sindicalistas, etc. pressionem os governantes para que tomem atitudes que impeçam a reintegração de posse, que desapropriem a terra e a repassem aos ocupantes.

Ao par desta tarefa, uma ampla mobilização dos oprimidos, com envolvimento dos sindicatos e movimentos populares em geral e o fortalecimento do Comitê de Apoio.

O Morro do Samba está localizado no meio de um centro fabril dos maiores do ABC e num bairro composto massivamente de operários. As fábricas da região devem ser bem trabalhadas no sentido da ação de reintegração de posse demonstrar-se perante eles como um ataque dos patrões contra os operários que lutam pela sua sobrevivência. De um lado, os patrões e a exploração de classe, baseada na extração da mais-valia (ou seja, os operários trabalham 30 dias mas só recebem o equivalente a dois dias). De forma que fica, de um lado, os patrões com suas riquezas saídas do roubo do sangue dos operários e seus familiares, e de outro, os operários com a miséria e a fome.

Todos os operários das fábricas e do bairro devem ser orientados para quando chegar a repressão patronal saírem em massa para as ruas e defender os irmãos operários do Morro do Samba.

Muita luta, muita união, muita força, muita esperança na vitória da causa, muita paciência com os problemas que na certa surgirão.

### Contra a violência capitalista

Em defesa da sobrevivência dos operários e suas famílias. Pelo salário mínimo real de 70 mil (dezembro).

Reposição das perdas e escala móvel de salário e emprego.

Por terra e casa para todos.

Não pagamento da dívida externa.

Que a CUT convoque um congresso de base da cidade e do campo para preparar a greve geral por tempo indeterminado pelas reivindicações das massas.

Só a luta direta nos dará a vitória.

Por um Partido Operário Revolucionário.

Pela destruição da burguesia e seu Estado.

Fora os oportunistas e eleitores.

Pela Revolução e Ditadura proletárias.

26.01.91

## TROTSKI E A AUTODEFESA

Agora que os "trotskistas" da Causa Operária e da Convergência Socialista se somaram ao coro dos pacifistas, nos parece oportuno lembrá-los das colocações de Trotski a respeito da autodefesa.

Se lê no Programa de Transição:

"O dever da IV Internacional é acabar, de uma vez por todas, com esta política servil. Os democratas pequeno-burgueses - inclusive os sociais-democratas, os estalinistas e os anarquistas - tão mais fortemente gritam a respeito da luta contra o fascismo quanto mais covardemente capitulam diante dele. Aos bandos do fascismo somente podem opor-se com sucesso destacamentos de operários armados que sintam atrás de si o apoio de dezenas de milhões de trabalhadores. A luta contra o fas-

cismo começa não na redação de um jornal liberal, mas na fábrica, e termina na rua. Os pelegos e os guardas particulares nas fábricas são as células fundamentais do exército do fascismo. Os PIQUETES DE GREVE são as células fundamentais do exército do proletariado. É de já que é necessário partir. Por ocasião de cada greve e de cada manifestação de rua, é necessário propagar a idéia da necessidade da criação de DESTACAMENTOS OPERÁRIOS DE AUTODEFESA. É necessário inscrever esta palavra de ordem no programa da ala revolucionária dos sindicatos. É necessário formar praticamente os destacamentos de autodefesa em todo o lugar onde for possível, a começar pelas or-

ganizações de jovens, e conduzi-los ao manejo das armas."

"É somente graças a um trabalho sistemático, constante, infatigável e corajoso na agitação e propaganda, sempre em relação com a experiência das próprias massas, que se podem extirpar de sua consciência as tradições de docilidade e passividade; educar destacamentos de combatentes heróicos capazes de dar o exemplo a todos os trabalhadores; infligir uma série de derrotas táticas aos bandos da contrarrevolução; aumentar a confiança em si mesmos dos explorados e oprimidos; desacreditar o fascismo aos olhos da pequena burguesia e abrir o caminho da conquista do poder pelo proletariado."



## A GUERRA CONTRA O IRAQUE

# AGRESSÃO IMPERIALISTA A UMA NAÇÃO OPRIMIDA

Finalmente, depois de cinco meses de preparação da máquina de guerra, o imperialismo desfechou um maciço ataque aéreo sobre a capital iraquiana. Durante esse período, o governo norte-americano trabalhou incessantemente pra criar as condições políticas e militares para viabilizar a guerra no Oriente Médio. As toneladas de bombas lançadas sobre Bagdá puseram fim definitivamente às manobras do imperialismo em torno de uma suposta negociação.

Na realidade, a resolução do Conselho de Segurança da ONU exigia do Iraque a retirada incondicional do Kuwait. Ou haveria total capitulação de Saddam Hussein, ou então a coligação de 28 países, capitaneada pelos EUA, desencadearia a ofensiva bélica.

O último encontro de James Baker e Tareq Aziz, em Genebra, serviu para descortinar de vez a teatralização norte-americana em torno da paz. O presidente Bush, em sua carta a Hussein (não recebida), prepotentemente declarava a guerra, ameaçando varrer o Iraque com sua parafernália bélica altamente sofisticada.

O fato é que a ocupação do Kuwait por Hussein era o acontecimento de que os EUA necessitavam para intervir mais diretamente no Oriente Médio. Já na guerra Irã e Iraque o imperialismo norte-americano colocou todo seu poderio naval e aéreo para disciplinar toda a região.

Certamente, as condições para a intervenção direta não foram

dadas naquela ocasião. Em outros episódios, como o das pressões sobre o Irã no processo revolucionário que derubou o Xá Reza Phaleve e a incursão aérea sobre o regime de Kadafi, na Líbia, já se destacava a posição agressiva do imperialismo ianque.

Em razão da crescente crise mundial do capitalismo, na qual os EUA estão no epicentro, o Oriente Médio comparece como uma região estratégica para o domínio imperialista e para a própria disputa existente entre as metrópoles.

A ocupação militar no Golfo Pérsico pela força norte-americana, respaldada pelos imperialistas da Europa e do Oriente, segue a lógica dos acontecimentos anteriores, incluindo as guerras ocorridas entre Israel (um enclave do imperialismo) e os povos árabes-palestinos.

Desta vez, como disse Bush, referindo-se ao Vietnã e provavelmente à Coreia, os EUA não podem perder a guerra. De fato, não se deve perder de vista que um amplo e rígido controle do Oriente Médio é fundamental para o desenrolar da crise mundial, que apenas está no arvorecer.

Para os interesses imperialistas, não importa a carnificina que possa ocorrer nesta guerra, já qualificada de tecnológica. Os primeiros bombardeios foram suficientes para anunciar a possível mortandade. O imperialismo e seus aliados se apoiarão na infinita superioridade militar para esmagar (ou tentar) o Iraque.

## *UMA GUERRA ENTRE NAÇÃO OPRIMIDA E NAÇÕES OPRESSORAS*

Os primeiros sinais da guerra foram suficientes para expor a barbárie capitalista, encarnada pelo imperialismo, contra uma nação semicolonial e oprimida como o Iraque. A humanidade já atravessou duas grandes guerras mundiais, originadas da crise do grande capital. Agora, novamente, se defronta com um choque de grande dimensão mundial, embora inicialmente o confronto se circunscreva entre o Iraque e a frente de várias nações. Porém, com a diferença de que a guerra não se dá entre nações imperialistas e sim entre o imperialismo (nação opressora) e o Iraque, que na divisão internacional não passa de uma nação oprimida.

A propaganda imperialista e das burguesias subservientes de que se trata de uma guerra entre um ditador sanguinário, usurpador da soberania do Kuwait, e as nações amantes da paz não passa de uma fachada para acobertar a essência do conflito.

Não resta dúvida que Hussein é esse ditador que esmaga a minoria kurda, etc, produto justamente do capitalismo semicolonial, que forma unidade mundial com as demais nações atrasadas e com o imperialismo, porém tal guerra não ocorre devido às qualidades políticas do líder iraquiano e sim porque a ocupação do Kuwait atinge os interesses do imperialismo, principalmente norte-americano.



A ousadia de Hussein foi justamente a de desafiar o equilíbrio no Oriente Médio imposto pelo capital internacional, que tem em Israel seu ponto de apoio estratégico. Toda região não passa de um conglomerado de nações oprimidas, isto é, exploradas, saqueadas e mantidas no mais profundo atraso pelas forças imperialistas.

A sua história moderna se assenta na luta interimperialista pelo controle e divisão da região entre si como área de influência. Não é por acaso que as lutas fronteiriças têm origem histórica no traçado imposto à força pelas metrópoles.

Não há exagero no argumento nacionalista (pan-arábico do Estado geral unificado) de que as nações árabes e o povo palestino nunca decidiram por si mesmas seu destino. Sempre estiveram, como povos oprimidos, à mercê das metrópoles que, conforme a correlação de força surgida na 1ª e 2ª guerras mundiais, estabeleceram os limites no Oriente Médio. Inglaterra, França e Alemanha, e depois os EUA, sempre ditaram as condições de existência das colônias ou semi-colônias. O próprio Iraque fez parte por um bom tempo da partilha inglesa e francesa. E o Kuwait não surgiu senão como um protetorado sob a bota militar inglesa.

Com o declínio inglês, o Oriente Médio passou a ter como principal guardião e explorador de suas riquezas naturais (petróleo) o imperialismo norte-americano. O Estado militarista de Israel emerge sob a hegemonia dos EUA.

Nesta guerra, o imperialismo do norte não apenas visa sufocar uma nação árabe

oprimida, como ampliar seu poder direto sobre as fronteiras do Oriente Médio. A política revolucionária se coloca do lado da nação oprimida contra a opressora.

### *O CONTEXTO MUNDIAL DA GUERRA*

Há claros indicadores de desagregação de economia mundial. Trata-se da desagregação da economia imperialista, isto é, monopolista. A recessão norte-americana está em plena marcha, depois de um "crescimento" especulativo nos últimos anos. Com ela, avança a desorganização produtiva e se agrava a crise financeira. A combinação do incontrolável déficit público e comercial, da queda da produtividade industrial e redução da capacidade do mercado configura uma situação de crise estrutural do capitalismo.

Dado o peso dos EUA na economia mundial, a tendência é arrastar as demais metrópoles para o caos. Não é por outra razão que a guerra comercial e o protecionismo vem avançando a passos largos. A formação dos blocos segue o impulso do choque internacional das grandes potências, que vêem o mercado se estreitar e reduzir a margem de ação do capital especulativo.

A instabilidade das Bolsas, ameaçadas de novos craks, a ameaça de quebra de grandes bancos e própria anarquia (bruscas oscilações) do sistema monetário expressam profundas rupturas no equilíbrio internacional.

A contestação entre as metrópoles aparece abertamente, como transpareceu no impasse do comércio agrícola e

nas negociações do GATT. Já não há como dissimular o conflito aberto entre os EUA, que declina constantemente, e a Europa e Japão.

A grande capacidade produtiva alcançada no pós-guerra e a saturação do mercado empurram os capitais para uma luta cada vez mais encarniçada.

Os EUA chegaram ao limite de seu recuo. Transformara-se em grandes devedores e importadores; sustentaram a economia mundial sob a base de um monumental déficit público e sob intensos investimentos na indústria bélica. Porém, já não podem reduzir seu mercado e permitir que sua indústria chegue à obsolescência, bem como perder o poder de decidir sobre o sistema monetário internacional (dólar).

Evidentemente, a guerra comercial imperialista tem um limite, pois traz embutida a solução pela força, isto é, militar. Esta é uma das razões porque o imperialismo se vê obrigado a se lançar com redobrada violência sobre os países semi-coloniais (nações atrasadas e oprimidas).

Necessita explorar a fundo seus mercados internos, submeter mais rigidamente a economia semicolonial e aumentar a taxa de exploração das massas. É esse o curso imposto pela política de recolonização do imperialismo ao mundo todo. A guerra contra o Iraque responde a essa mesma política. O Oriente Médio deve se colocar mais amplamente sob o domínio dos EUA.

### *OBJETIVO ESTRATÉGICO NORTE-AMERICANO*

São evidentes os interesses econômicos do imperialismo

em torno do petróleo. Trata-se de uma região que produz cerca de 50% da produção mundial. As grandes empresas petrolíferas têm investimento direto de bilhões de dólares. Somente a família de Sabah, do Kuwait, remeteu aos bancos e aplicou em títulos públicos americanos mais de 100 bilhões de dólares.

O manejo do governo norte-americano sobre os reis do petróleo, como o da Arábia Saudita, Kuwait, etc, ficaria limitado se o Iraque lograsse anexar a região Kuwaitiana. O fortalecimento militar do Iraque desde algum tempo tem sido motivo de preocupação da Casa Branca, considerando a necessidade de manter a hegemonia de Israel.

A invasão e controle do Kuwait pelos iraquianos, embora responda a objetivos nacionais mesquinhos de Hussein, modificaria as relações de força no Oriente Médio, incompatível com o controle do imperialismo. Desta forma, o esmagamento do Iraque é uma condição para preservar o manejo norte-americano.

Referindo-se a isso, para justificar seu voto contra a participação da França na guerra, o ex-ministro DeGaulle expressou muito bem a questão, afirmando: "Esta guerra não é da França. Os EUA insistem em controlar aquela região e os reis do petróleo" (Jornal do Brasil).

Certamente, não é bem assim, a guerra também é do imperialismo francês, que não poderá deixar de pleitear uma ponta de favorecimento no final das contas.

Porém, a estratégia norte-americana transcende este fato mais evidente. A sua liderança bélica, arrastando por detrás de si a França, Alemanha, Japão, Inglaterra, etc, implica fazer do

Oriente Médio uma fortaleza perante a Europa, o Oriente e a própria Rússia. O governo Bush objetiva, com a destruição de Hussein, controlar o próprio governo de Bagdá, o que ajudaria a aplacar a rebeldia do Irã.

Desta forma, o controle do Oriente Médio e dos reis do petróleo colocaria a norte-américa numa posição estratégica frente os seus competidores internacionais e facilitaria enfrentar a grande crise mundial que se desenvolve.

### *A NOVA ORDEM MUNDIAL*

O presidente dos EUA, em seu discurso sobre o desfecho militar, insiste na importância de vitória contra o Iraque no sentido de uma "nova ordem mundial". Bush refere-se ao triunfo do imperialismo frente ao Leste Europeu, cuja burocracia estalinista social-democrata vem trabalhando de mãos dadas com o capital internacional para restabelecer as bases capitalistas e liquidar de vez todo e qualquer traço do Estado Operário.

A "nova ordem mundial" significa retroceder completamente a roda da história na Rússia e em todo Leste Europeu, bem como na China, Vietnã, etc. Pela primeira vez, desde quando foi edificada a ONU (obra do imperialismo), os EUA conseguiram impor uma guerra com apoio explícito da Rússia.

A grande unanimidade, mais ou menos forçada, em torno da guerra imperialista contra a nação oprimida iraquiana se deve em grande medida à capitulação em toda linha da burocracia russa frente à potência norte-americana. Bastaria que a Rússia se

colocasse ao lado do Iraque para que a equação se modificasse no Oriente Médio, bem como em todo plano internacional.

E o que tem a ver a derrota do Iraque perante a chamada "nova ordem mundial"? A vitória dos EUA no Oriente Médio, caso seja esmagadora e triunfante, objetiva estancar seu declínio mundial e restabelecer o papel de gendarme do mundo, embora sem o fulgor dos tempos de Plano Marshall.

Dissipando a retórica que envolve o chamado de Bush à "nova ordem mundial", o que encontramos é a necessidade do imperialismo disciplinar as forças mundiais em conflagração, movimentadas pelas contradições das relações capitalistas de produção e esgotamento da divisão feita após a 2ª guerra mundial.

A implantação a fundo da política de recolonização (esta é a verdadeira "nova ordem mundial") no Oriente Médio, saída de uma profunda incursão militar, agiganta o imperialismo em geral, e particularmente o americano, frente a Rússia e Leste Europeu. A "nova ordem mundial", portanto, é a reação do grande capital internacional em toda linha contra os povos oprimidos e contra o proletariado mundial.

### *A FRENTE IMPERIALISTA CONTRA O IRAQUE*

Na fase de preparação da guerra, o imperialismo trabalhou em duas frentes. De um lado os EUA, armando o palco de guerra. De outro, a França desenvolvendo a diplomacia para a "paz". Por todos os flancos se tentou impor a retirada



do Iraque do Kuwait. Todas as investidas diplomáticas, incluindo o plano de paz de François Mitterrand, que previa eleições diretas no Kuwait e apontava para uma conferência mundial sobre o Oriente Médio, implicavam na derrota do Iraque sem luta e na continuidade da intervenção norte-americana.

E não poderia ser de outra maneira, pois o gendarme imperialista não possibilitava uma solução do conflito pelos próprios povos árabes. A ocupação militar forânea, embora aceita pelo governo da Arábia Saudita, nada mais foi do que a extensão do controle imperialista sobre os Estados árabes.

Não foram as massas árabes que permitiram a chegada das tropas do exército opressor. Foram os reis corruptos e governos capituladores, como do Egito e Síria, que se colocaram pela via do imperialismo. Isso demonstra que a autodeterminação das semi-colônias é apenas formal ou muito limitada. De fato mesmo, estão sob o poderoso peso econômico, político e militar do imperialismo.

Desde que uma parte significativa dos Estados árabes abaixou a cabeça para as metrópoles, colocando-se sob o comando das forças armadas imperialistas, ou então sob as manobras diplomáticas da França, como a Jordânia, Marrocos, Argélia, etc, a alternativa da guerra se configurou como inevitável. A frente imperialista contra o Iraque terminou por submeter a todos. O isolamento do Iraque passou a ser total. E essa situação era decisiva para a própria manutenção da frente e para tornar completamente viável a estratégia de guerra dos EUA,

montada desde as primeiras horas de 2 de agosto.

Muito se tem falado que a França batalhou pela paz até o fim. É claro que se o governo social-democrata obtivesse êxito na capitulação de Hussein, sem que houvesse nenhum tiro, aumentaria sua influência no jogo pós-conflito. E era do interesse da Europa, excetuando a Inglaterra, a retirada do Iraque, pois o resultado posterior da correlação da frente imperialista seria outro.

Porém, a corrida diplomática de Mitterrand não passou de quixotesca encenação, pois estava completamente submetida ao designio de guerra traçado pelos EUA desde a ONU, com a resolução de retirada do Kuwait sem nenhuma condição por parte do Iraque.

Uma vez que os norte-americanos estruturaram a frente imperialista sob seu comando e arrastaram desde a Rússia, os governos árabes, até a Argentina, nenhum país metropolitano poderia rompê-la para modificar o quadro da guerra. Assim, a votação pró-guerra no Congresso francês, isto é, de um país que supostamente batalhou pela paz, foi quase total (523 a favor e 45 contra), enquanto que Bush obteve a autorização para despejar seu poderio bélico com a vantagem de apenas 5 votos.

O significativo de tudo isso é o embocamento da Rússia e dos países semi-coloniais à frente imperialista, pois a vitória contra o Iraque será um poderoso reforço à opressão nacional e à exploração das massas do mundo inteiro. Evidencia-se assim o caráter reacionário da burocracia russa (chinesa, etc) e dos governos semi-coloniais.

## AS MASSAS EX-PLORADAS E A GUERRA

A guerra recairá pesadamente sobre as massas do mundo inteiro. A ofensiva bélica imperialista busca defender o grande capital internacional em detrimento dos assalariados. É um engano supor que se trata apenas de uma guerra contra o Iraque. A vitória da frente imperialista no Oriente Médio se constituirá num patamar para novas ofensivas de recolonização, que tem por base a necessidade dos capitalistas sustentarem seu regime de produção às custas da fome, desemprego e bárbara repressão.

O governo norte-americano, segundo analistas, diz-se surpreso pelo fato da reação das massas árabes não ter sido maciça já nos dois primeiros dias de guerra. Ocorre, porém, que estas guardam uma profunda relação de dependência com a feudal burguesia, que direta ou indiretamente, se colocaram ao lado da frente imperialista. Por essa razão, ainda não puderam se levantar como uma força anti-imperialista.

As manifestações recentes na Argélia, Marrocos e em outras partes começam a se chocar com seus governos. A sorte da guerra depende de um levante popular. O que o imperialismo mais teme é justamente a generalização do conflito, de forma que as massas exploradas se libertem da camisa de força da feudal burguesia e seu regime político e iniciem uma escalada da frente anti-imperialista e de classe.

Esta é uma das razões básicas da frente imperialista temer a entrada de Israel na guerra, pois os sentimentos nacionais das massas que não coincidem

com os do nacionalismo burguês, embora a ele ainda estejam subordinados, podem deflagrar um grande movimento antiimperialista.

A ausência de fortes partidos revolucionários (leninistas-trotsquistas) entre as massas árabes e palestinas obstaculizam a materialização de uma frente revolucionária antiimperialista, voltada a expulsar os invasores e dar uma solução proletária para a crise (a revolução).

Porém, instintivamente tenderão a se lançar contra a agressão do imperialismo e a romper com os governos capituladores. Desta forma, o objetivo revolucionário é o de se colocar ao lado do Iraque, ocupando a mesma trincheira, para transformar o conflito em guerra revolucionária contra o imperialismo, sem que se confunda com as posições da burguesia iraquiana, representada por Saddam Hussein.

Cabe ao proletariado do mundo inteiro, a começar pelos dos EUA, apoiar e defender uma ampla frente de massa antiimperialista, que leve as forças da reação à derrota. Esta estratégia é fundamental para barrar a ofensiva da recolonização e a política de descarregar a crise sobre as nações oprimidas e os assalariados e, por essa via, abrir caminho para a revolução proletária.

### *O PACIFISMO PERANTE A GUERRA E A LUTA ANTIIMPERIALISTA*

Desde os EUA, passando pela Europa, até o Brasil se iniciaram os protestos contra a guerra. Não obstante, marcados pelo pacifismo. Exige-se ao mesmo tempo que o Iraque aceite as condições da ONU e que os EUA arrefeça sua ação

bélica. Assim, condena-se tanto o Iraque quanto os EUA. Não faltam aqueles que argumentam que bastaria aguardar um pouco mais os resultados do embargo econômico e comercial, lançado pela ONU na primeira fase do conflito para que a situação se resolvesse a favor da paz. Essa orientação não poderá se desenvolver em confronto com a determinação de ferro dos governos imperialistas.

Como demonstramos, trata-se de uma guerra de nações imperialistas contra o Iraque oprimido, semicolonial atrasado, assim como está motivada pela crise mundial em pleno desenvolvimento. Por isso, não pode haver uma terceira posição entre os opressores internacionais e o Iraque. A política revolucionária (proletária) é inequívoca: colocar-se ao lado do Iraque oprimido contra o imperialismo agressor. Há que com o Iraque golpear junto a reação, embora a marcha não seja a mesma do totalitário Hussein. Ao contrário do pacifismo, está colocado a estruturação de um grande movimento de massa, em todo o mundo, que ponha em pé a luta antiimperialista, de maneira que se avance as reivindicações das massas contra as burguesias e os governos capitalistas. Portanto, trata-se de defender a transformação da guerra contra o Iraque em uma guerra popular, revolucionária, armando a população contra o imperialismo e seus aliados no oriente Médio.

### *A AMÉRICA LATINA FRENTE GUERRA*

O governo peronista de Menem não apenas apoiou formalmente a frente multinacional

contra o Iraque como enviou navios para o Golfo Pérsico. A burguesia argentina se esqueceu rapidamente das Malvinas, em que a Inglaterra contou com o apoio tácito do imperialismo norte-americano. O governo brasileiro, se não fez o mesmo, refugiou-se por detrás da bandeira da paz, numa espécie de neutralidade. Os setores mais reacionários chegaram, inclusive, a criticar Collor pela posição demagógica, expressa na exposição de motivo do Ministro Rezek, que no Congresso chegou a se referir a uma "pax americana", isto é, imposta pelo poder das armas.

De qualquer forma, os governos latino-americanos capitularam frente à investida da cruzada imperialista. Certamente, não há nada de surpreendente neste fato, pois são governos nitidamente pró-imperialistas. Porém, há que denunciá-los frente as massas oprimidas, a única força social capaz de rebater a reação. O que é necessário ter claro é que a vitória da frente imperialista redundará no maior controle não só do Golfo Pérsico, mas de todos os países semicoloniais. O grande retrocesso da América-Latina tem se dado sob a desintegração da economia mundial e do protecionismo imperialista. Isto tende a se agravar com a ampla recolonização em curso, cujos resultados recessivos e de quebra das economias atrasadas são evidentes.

As massas oprimidas latino-americanas devem se colocar pela luta antiimperialista, pela estruturação da frente revolucionária antiimperialista, isto é, pela unidade das nações oprimidas, sob a direção do proletariado contra as nações opressoras.



## GOLFO PÉRSICO

# CRISE CAPITALISTA EMPURRA IMPERIALISMO À GUERRA

A frente de guerra imperialista, comandada por George Bush, pôs em marcha a mais agressiva operação militar, depois da 2ª Guerra Mundial, contra o Iraque. As massas oprimidas do mundo inteiro estão chamadas a rechaçar a ofensiva do imperialismo no Golfo Pérsico e a defender a nação oprimida iraquiana.

Já no primeiro bombardeio, o governo norte-americano exigiu a rendição de Sadam Husseim, avaliando que o vultoso ataque a Bagdá havia liquidado, em grande parte, a capacidade militar dos iraquianos. Estava nos cálculos das torças armadas americanas obter uma vitória relâmpago, considerando o extraordinário poder de fogo da sua força aérea, construída com a mais avançada e precisa tecnologia bélica.

Já se passaram alguns dias, e o otimismo prepotente do imperialismo se reduziu frente à resistência do Iraque. Embora o exército de Husseim não possa fazer frente aos sofisticados armamentos norte-americanos e de seus aliados, o fato é que esta primeira fase da guerra, considerada histórica pela qualidade dos bombardeios e toneladas de bombas, ainda não foi suficiente para esmagar Bagdá.

Agora, o imperialismo já fala numa guerra longa e difícil e teme o enfrentamento direto nas trincheiras do Kuwait. Isto é, teme as conseqüências de milhares de mortos e a repercussão política sobre as massas do mundo inteiro, bem como das do Oriente Médio. Porém, tudo indica que o imperialismo desfechará uma ofensiva ainda mais poderosa. Ou seja, buscará provocar uma bárbara mortandade do povo iraquiano, antes de arriscar seu exército por terra. O Pentágono já impôs censura à imprensa, receando que a verdade da guerra reacionária motive lutas em seu próprio país, como ocorreu em 1968 com a guerra do Vietnã, e em outras latitudes.

A utilização da Turquia como base de operações objetiva justificar futuramente o ingresso da OTAN na conflagração, embora já exista potencial bélico para dizimar todo Iraque. Por seu turno, a França anuncia sua disposição de reforçar sua participação com o objetivo de sufocar mais rapidamente o Iraque, de acordo com os planos do imperialismo norte-americano.

Enquanto nos EUA e em todo mundo cresce o desemprego, rebaixam-se os salários, aumenta-se a fome e destrõem-se antigas conquistas sociais, estima-se que a guerra consumirá 80 bilhões de dólares, sem se considerar os 30 bilhões já gastos com seu preparativo.

O preço tecnológico militar contrasta com a existência de 1 bilhão de famintos no globo terrestre, resultantes da brutal exploração do trabalho e decadência do regime capitalista. A queima de forças produtivas com esta guerra, cujos interesses atendem o imperialismo e os reis do petróleo do Golfo Pérsico, expõe a face de barbárie capitalista, típica da crise estrutural do regime econômico monopolista e de sua desintegração.

Os parlamentos "democratas" dos EUA, Inglaterra, França, Itália, etc., e da Rússia de Gorbachev, aprovaram o grande cerco ao Iraque. As democracias imperialistas demonstram para que servem: defender o grande capital rapina, estender a opressão nacional e lançar o "mundo" inteiro contra um país semicolonial e atrasado como Iraque. O proletariado e as massas devem se contrapor a mais uma das operações bélicas do imperialismo e organizar um grande movimento revolucionário anti-imperialista, como parte da sua organização independente e evolução para reconstruir o internacionalismo proletário, isto é, a IV Internacional.

## REPRESSÃO NO BÁLTICO

# PARA DERROTAR A OPRESSÃO NACIONAL; RESTABELECEER A DITADURA DO PROLETARIADO

A burocracia soviética massacra trabalhadores na Lituânia, Letônia e Estônia. Gorbachov afirma cinicamente que a morte dos trabalhadores não estava em seus planos e responsabiliza "setores do exército" que não estariam agindo de acordo com a orientação governamental. Nos jornais do mundo todo a burguesia lamenta o "retrocesso" da Glasnost e Perestroika. Como se tivesse havido uma reviravolta nas posições da burocracia estalinista.

O massacre nas repúblicas do mar Báltico não é mais que conseqüência da política da Perestroika e Glasnost de Gorbachov. Ao abrir a economia soviética para o imperialismo, permitir e

estimular a privatização de empresas, demitir massivamente, reduzir salários, etc., a política de "reforma" e "degelo" atacou profundamente as condições de vida das massas. Seria inevitável uma reação violenta. E foi o que aconteceu. A Perestroika só pode continuar avançando através do endurecimento do regime, de repressão às massas e de uma maior entrega ao imperialismo. As medidas no sentido de uma maior centralização do poder do Estado Soviético vêm nesse sentido.

A defesa do direito dos povos bálticos a decidirem seu próprio destino não pode se dissociar da luta por varrer a burocracia traidora e entreguista e

reconstruir a ditadura proletária. Mas para essa revolução política se consumar é preciso construir o partido revolucionário, sem o que as massas serão encabeçadas por forças estranhas a seus interesses (sejam nacionalistas, pró-imperialistas ou mesmo conservadores estalinistas).

·ABAIXO A REPRESSÃO DA  
BUROCRACIA TRAIidora E  
ENTREGUISTA!  
·VIVA A LUTA DAS MASSAS DO  
BÁLTICO, NA RÚSSIA E EM  
TODO LESTE!  
·PELA DITADURA DO  
PROLETARIADO!

## DECLARAÇÃO DO COMITÊ DE ENLACE

Em La Paz, Bolívia, foi realizada nos dias 25 e 26 de janeiro a reunião do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional. Na mesma foram analisadas a situação política dos países membros, a guerra imperialista contra o Iraque e a repressão da burocracia soviética sobre os países do Báltico.

Reproduzimos a seguir as resoluções políticas mais importantes.

### APOIAMOS O IRAQUE PARA EXPULSAR O IMPERIALISMO DO GOLFO PÉRSICO

1. A atual guerra do Golfo Pérsico é de agressão por parte das nações imperialistas, encabeçadas pelos EUA, com a cumplicidade dos Estados Operários degenerados contra uma nação oprimida, Iraque, que é um reserva de petróleo e que se encontra em uma região estratégica mundial. Os invasores imperialistas buscam controlar diretamente a produção e o mercado do petróleo, impedir que Iraque se converta em uma potência capaz de fazer frente à Israel-gendarme do Imperialismo na zona - e se submeter ao governo nacionalista de Sadan Hussein, que tem ousado desconhecer seus mandatos.

2. Quando se trata do enfrentamento entre uma nação opressora e uma nação oprimida, os revolucionários nos colocamos incondicionalmente do lado desta última, independentemente da natureza de seu governo, neste caso, de caráter nacionalista burguês. Distinguímos entre uma guerra interimperialista - como a primeira e segunda guerras mundiais - e uma guerra de agressão das nações opressoras imperialistas contra uma semicolônia, como Iraque, cuja luta forma parte da libertação nacional.

3. A violência e a guerra são conseqüências inevitáveis de uma sociedade dividida em classes antagônicas e da existência de um punhado de nações imperialistas frente à grande maioria de nações oprimidas. Se queremos acabar com a guerra e suas nefastas conseqüências, temos que acabar com o capitalismo. A tarefa mais importante da época atual é pôr em pé o partido mundial da revolução socialista, a IV Internacional, para sepultar o capitalismo e possibilitar a vitória da revolução proletária nos países imperialistas, nos atrasados e nos Estados Operários degenerados.

4. Rechaçamos a posição do pacifismo pequeno-burguês de intelectuais, religiosos, reformistas e alguns supostos trotskistas, que repudiam a violência e a guerra em geral, sem distinguir as diferenças qualitativas entre a violência reacionária e a revolucionária. Para eles todas as guerras são más porque ocasionam mortes, destruição e muitas desgraças, acreditam que a guerra é a conseqüência da maldade ou loucura de alguns líderes. O pacifismo ensina que tem que se submeter à "ordem e a Paz" imperialistas, por isso acaba, inevitavelmente, servindo ao inimigo de classe, a burguesia e ao imperialismo.

5. Convocamos os oprimidos e explorados do mundo a somar-se à luta contra o imperialismo e acabar com a farsa da "Aliança multinacional", que não passa de uma frente imperialista imposta aos governos títeres dos países semicoloniais a colocar-se detrás da agressão imperialista. As massas dos países semicoloniais, cujos governos estão envolvidos no conflito, devem direcionar suas armas contra a agressão imperialista apoiando fisicamente a luta do povo do Iraque. Nos países imperialistas tem que transformar a guerra de agressão em guerra civil para derrotar seus governos.

### POR UMA LITUÂNIA LIVRE E SOVIÉTICA

#### MORRA A BUROCRACIA ESTALINISTA ASSASSINA

1. A luta das massas lituanas por libertar-se do jugo da burocracia estalinista tem sido violentamente esmagada pelos tanques russos, que ao melhor estilo da autocracia czarista busca manter-se no poder para continuar gozando dos privilégios do Estado Operário degenerado assentado na opressão nacional.

2. Os revolucionários trotskistas estamos juntos com as massas lituanas e nos esforçamos para projetar essa luta de autodeterminação nacional à expulsão da burocracia estalinista do poder para realizar a revolução política que coloque novamente a classe operária nos soviets e projete a revolução ao comunismo, sem explorados nem exploradores. Lutamos contra as tendências reacionárias que dirigem esta luta para a volta ao capitalismo, e portanto, à condição de semicolônia do imperialismo. Só no marco da revolução política se poderá dar a verdadeira autodeterminação nacional.

### LIBERTEMOS A BONI E ROMILDO

O Comitê de Enlace pela a Reconstrução da IV Internacional, em sua reunião, se posicionou pela defesa dos companheiros Manoel Boni e Romildo Raposo que estão nos cárceres por ter lutado ao lado dos "sem-teto" da Vila Socialista. A prisão destes militantes se constitui num claro ataque do estado capitalista e de sua polícia ao movimento dos oprimidos brasileiros.

O Comitê de Enlace denuncia a violência reacionária do governo e chama a todas as correntes do movimento operário a desencadear um amplo movimento pela libertação dos lutadores, e pela defesa dos "sem-teto".

**Abaixo a repressão política do governo brasileiro!**

**Pela imediata liberdade de Boni e Romildo!**

**Pela terra aos sem-teto!**